



“UM DOS GRANDES PROBLEMAS DE FORNOS É A FALTA DE ENVOLVIMENTO ASSOCIATIVO”

César Jorge Resende. Presidente da Junta de Freguesia de Fornos

FORNOS

Márcia Soares

Integrou o executivo da Junta de Freguesia de Fornos nos últimos três mandatos, tendo, a convite de Emídio Sousa, assumido a candidatura às últimas autárquicas. Natural de Fornos, César Jorge Resende considera o primeiro (quase) ano e meio de mandato “bastante positivo”, mas aponta a falta de envolvimento associativo como o grande obstáculo para a desejada dinamização da freguesia. A requalificação do edifício da Junta, que espera iniciar no próximo ano e terminar no prazo de 12 meses, é a grande obra do mandato.

Aborda ainda as principais ambições do programa eleitoral, sobretudo na área do Urbanismo, como as requalificações da urbanização do Carvalheiro ou do Largo Padre José Alves de Pinho.

Aos 52 anos, acumula as funções de presidente com as de proprietário de uma padaria e de distribuidor de gás pela freguesia. Assume a candidatura às eleições de 2025 e adianta que só tenciona abandonar o cargo quando conduzir as principais obras.

CF – Integrou durante vários anos o executivo da Junta de Freguesia de Fornos. Como surgiu o convite e por que razão decidiu candidatar-se à presidência nas eleições autárquicas de 2021?

César Jorge Resende – O convite foi direcionado pelo presidente da Câmara, Emídio Sousa. Aceitei porque há um trabalho feito ao longo dos últimos três mandatos, que integrei, e achei que deveria dar continuidade. Ficaram alguns

assuntos pendentes e achei ser a pessoa indicada para continuar, por isso aceitei o desafio de ser o candidato à Junta de Freguesia.

Que análise faz aos resultados eleitorais? Cumpriram as expectativas?

Foram bastante bons, superaram até as expectativas. Por isso, estou bastante orgulhoso de ser o presidente da Junta de Freguesia de Fornos.

A experiência que já detinha, facilitou o início dos trabalhos enquanto presidente?

Bastante. Entrei para a Junta de Freguesia quase como numa brincadeira. Na altura, iniciei como presidente da Assembleia de Freguesia, mas com a saída de um vogal do executivo, transitei para secretário, em 2010. Seguiu-se um verdadeiro desafio. Gostava do que ia fazendo e, como isto é uma aprendizagem constante, ia aprendendo cada vez mais.

Quando refere que entrou por brincadeira, não sabia o que lhe esperava...

Não, disseram-me só que, no máximo, havia quatro reuniões por ano. Só que acabámos por ganhar as eleições seguintes e ficar a gerir a freguesia. Por força do meu trabalho profissional, era dos elementos que tinha maior visibilidade e comecei a ser ‘massacrado’ pelas pessoas, o que me obrigou a inteirar-me de vários assuntos, participar e, como o, à data, presidente de Junta de Freguesia estava muito tempo fora, acabei por ser o elo de ligação. Nessa altura, tratava de vários assuntos.

Retirada do multibanco criou primeiro obstáculo

Que balanço faz do primeiro (quase) ano e meio de mandato à frente da Junta de Freguesia de Fornos?

Um balanço bastante positivo, até mais do que perspectivava. Quando tomei posse, a minha missão, para o primeiro ano, era programar obras e atividades. Logo quando comecei, programei resolver os pequenos problemas dos fornenses, tais como águas pluviais que não deixavam as pessoas entrar em casa ou caixas [de esgoto] entupidas. Em meados de março, tinha esses problemas resolvidos, o que deu confiança às pessoas. O que dizia que ia fazer, fazia rapidamente. Depois, fomos a freguesia pioneira no novo projeto lançado pela Câmara Municipal, das brigadas municipais, que veio resolver, em dois meses, problemas que tinha pensado resolver em quatro anos, nomeadamente repavimentação de ruas, redes pluviais, colocação de espelhos, pintura de passadeiras, sinalização horizontal e vertical e pavimentações.

Porém, em dezembro, tive um senão, quando me disseram que iam retirar a caixa de multibanco da freguesia. A informação provocou um alvoroço enorme, porque ficámos privados da única caixa que existia e tive de encarar o problema como sendo o primeiro desafio enquanto presidente. Meti ‘mãos à obra’ e no espaço de menos de um ano, já temos novamente multibanco.

É um equipamento de grande utilidade e que foi colocado estrategicamente no centro da freguesia, no edifício da Junta.

Sim, mas foi um processo demorado. Tive de consultar vários bancos e todos diziam que era complicado, só que nunca pensei que fosse aceitar, quando lhes ‘bati à porta’, disseram logo que sim. Fiz o primeiro contacto a 25 de agosto e a 26 de setembro, precisamente no dia em que fazia um ano de ter ganho as eleições, recebi a notícia de que o multibanco em Fornos seria uma realidade. A instalação obrigou-me a fazer uma obra e quando a começámos vieram as chuvas. Prevía ter o equipamento operacional em dezembro — era a minha prenda de Natal para os fregueses —, mas a chuva impediu. Conseguimos terminar a 19 de janeiro deste ano. Estou satisfeito e até surpreendido, porque a afluência tem sido elevada. Está colocado atualmente ao lado da Capela Mortuária, mas futuramente será ao lado da Junta de Freguesia. Uma das grandes obras do meu mandato, que espero concretizar no próximo ano, é fazer a passagem da Junta de Freguesia para o andar de cima e a capela mortuária passar para as nossas atuais instalações, onde será construída uma capela mortuária de raiz. Estamos numa cave, que tem pouca dignidade e teremos todas as condições no piso superior.

Quando se candidatou, apontou, de imediato, como prioritário uma solução para a falta de meios de transporte na freguesia. Já existe uma ligação ao centro da cidade de Santa Maria da Feira?

Ainda não. Falei com a Câmara Municipal para que o Transfeira possa passar

em Fornos, porém, o que nos foi dito é que há um concurso de transporte público rodoviário na Área Metropolitana do Porto a ser ultimado, e que vai abrir novas carreiras. Espero que algumas liguem Fornos ao centro de Santa Maria da Feira.

Numa primeira fase, já propus ao Centro Social Paroquial de Fornos criarmos uma carreira, com o apoio da instituição. Os utentes que queiram, por exemplo, ir a uma consulta, fazem a inscrição na Junta ou no Centro Social e depois a instituição assegurava esse transporte e a Junta dava uma avença para suportar os custos. O padre ficou de analisar, por isso vou aguardar. Caso não haja carreiras para Fornos, vou tentar criar este referido serviço 'táxi', com o apoio do Centro Social, que será compartilhado pela Junta e pelo usufruidor.

O mais viável era termos uma carreira efetiva, diária, para que os fornenses não estivessem dependentes da disponibilidade do centro para fazerem o trajeto, mas, não havendo, temos de ser criativos e tentar servir a população. Espero ter uma solução até ao final do mandato, mas não depende de mim.

"A freguesia era muito ativa e tudo desapareceu"

No seu programa eleitoral, sobressaem-se as áreas da Ação Social, Associativismo e Cultura. São as que necessitam de maior atenção?

Sim, como estamos próximos da Cidade, onde existe tudo, foi dado a entender que não necessitávamos de grandes atividades. Não entendo essa visão. Há 20 anos, Fornos tinha várias associações e atualmente tem duas: o Centro Social Paroquial de Fornos e a Associação Ambientalista da Ribeira da Lage, responsável apenas pelo Carnaval. Não temos mais nada. Estou a dar a possibilidade aos fornenses de criarem associações, inclusive temos um grupo que pratica atletismo, a JUFACC, que está a tentar formar uma associação. Fico muito contente, porque a Junta associou-se a eles na organização de quatro caminhadas, no ano transato, e foram um sucesso.

A nível cultural, consegui fazer o primeiro 'Concerto de Boas Festas'. Foi um grande sucesso e já marquei outro para este ano com um repertório diferente. Estamos também a estudar uma iniciativa para o verão e vamos fazer a Feirinha à Moda Antiga – não se realizou nos últimos três anos devido à pandemia –, ao que tudo indica, no primeiro fim de semana de setembro. A freguesia era muito ativa e, de um momento para o outro, tudo desapareceu.

Assumiu, no compromisso eleitoral, que o executivo iria fomentar o Fórum Social, de forma a conseguir dinamizar e promover o associativismo que na freguesia "quase não existe". Que atividade desenvolve o Fórum Social? Que preponderância tem para os fornenses?

Já tivemos o Centro Cultural e Recreativo de Fornos que fazia diversas atividades, desde torneios de sueca, dominó, concursos de pesca, futebol de salão..., mas foi desaparecendo. O Fórum Social

nasce na tentativa de criarmos uma associação que possa organizar eventos idênticos. Fornos tem uma [forte] classe idosa e queremos fomentar movimento na freguesia.

Como entendo que o Fórum Social deve dedicar-se a causas sociais, entendi que deveríamos fazer atividades para apoiar o Centro Social de Fornos. Não está a ser fácil, tem sido o nosso 'calcanhar de Aquiles', mas vou continuar a insistir para que se façam duas/três atividades, no sentido de apoiarmos a única instituição que mais presta cuidados sociais na freguesia.

A que se deve essa dificuldade em envolver os fornenses nas atividades da freguesia?

Um dos grandes problemas de Fornos é a falta de envolvimento associativo. Não consigo perceber a dispersão das pessoas no que toca às atividades propostas pela Junta de Freguesia. Para contornar o problema, estou a convidar grupos para me ajudarem e associo-me a eles. Aconteceu com as caminhadas; a Junta deu o apoio e a JUFACC organizou. Assim, consegui ter perto de 400 participantes. Nos anteriores mandatos, quando envolvia apenas a Junta como organizador, apareciam cinco pessoas. Os presidentes são conotados a um partido e assim é difícil, porque dizem que os elementos do PS não se querem associar. Quero que esqueçam os partidos, porque, a partir do momento em que fui eleito, sou presidente de todos os fornenses e estou aqui para ajudar todos. Em Fornos, a política misturou-se com as atividades e isso não deveria ter acontecido.

A nível ambiental, apontou ao desenvolvimento de um percurso pedonal ao longo da Ribeira da Lage e de uma zona de lazer junto à Ponte dos 3 Arcos. Qual é o ponto de situação?

Tenho feito um grande esforço, mas a zona pedonal e de lazer que pretendemos é junto à Ponte dos 3 Arcos, que é de acessos complicados e todos os terrenos envolventes são privados. Através do BUPI, estou a tentar saber quem são os proprietários. Disse no meu manifesto que só iria fazer se os proprietários deixassem. A Câmara Municipal disse que competia-me ter as autorizações para poder intervir. Estou a tentar saber quem são os proprietários, mas se um até colabora, dois ou três dizem que vão pensar no assunto. Sei que é uma promessa que está a ficar como a da Capela da Lage, aparece nas propostas de quatro em quatro anos, mas não é feita por falta de vontade da Junta, é por necessitarmos das autorizações dos proprietários.

Requalificação do edifício da Junta é a grande obra do mandato

A reabilitação urbana não foi esquecida e inclui vários objetivos. Primeiramente, para quando a conclusão das obras no edifício da Junta de Freguesia?

Já há projeto, mas falta-nos o orçamento devido à imprevisibilidade dos custos de materiais e mão de obra em 2024.

A Câmara Municipal vai comparticipar a obra em 50% e penso começá-la em meados do próximo ano. Tem de ser feita rapidamente, no máximo, no prazo de um ano. A Junta terá de deslocar-se, porque não posso privar os fornenses da capela mortuária. Quando a capela estiver construída no piso inferior [onde se encontram atualmente as instalações da Junta], iniciamos as obras no piso superior [onde está a capela mortuária], que serão poucas.

A Junta de Freguesia tem capacidade para custear os demais 50% da obra?

Sim. Temos amealhado fundos com a venda de sepulturas no cemitério. Acho que não vamos gastar muito, porque o piso da Capela Mortuária será todo amplo.

Há também a questão da requalificação da urbanização do Carvalho, popularmente conhecida por MAF...

A Câmara Municipal tem de fazer a obra. A urbanização da MAF é a pior zona da freguesia, em 40 anos não vendemos um lote por ano porque é só matos e estradas em paralelos. A zona que deveria ser a mais nobre da freguesia está uma miséria. Até me envergonho quando lá vou. Temos zonas mais antigas e mais zeladas do que a MAF. Já propus ao vereador Amadeu Albergaria [das Obras Públicas] requalificarem todas as ruas. Num futuro próximo, a Travessa da Liberdade e a Rua da Liberdade serão as primeiras a serem requalificadas. Posteriormente, espero fazer o mesmo nas demais.

Outras obras, para as quais necessitamos de apoio camarário, são as requalificações do Largo Padre José Alves de Pinho e simultaneamente do parque de merendas, que até é atrativo, mas necessita de uma intervenção, pois não tem iluminação, nem acessos fáceis. Já vi uma parte do projeto, pedi umas alterações e estou a aguardar. Este ano, deve ficar concluído e depois será lançado o concurso público para a obra ser uma realidade. A última das três é a requalificação do cruzamento do Farinheiro, que só tem duas faixas e tem de ter uma terceira via para que a circulação flua. Espero ver este assunto resolvido até ao final do mandato.

Ainda no Urbanismo, prometeu também interceder junto da Câmara

Municipal para que Fornos tenha uma zona empresarial. Já iniciaram diligências para a criação do denominado Parque Empresarial da Valejada?

Nas conversas de preparação da candidatura, disseram que Santa Maria da Feira precisa de zonas industriais. Há 30 anos, foram destinados uns terrenos para a criação de uma zona industrial em Fornos, só que não se chegou a avançar. Como estão próximos da zona industrial de Mosteirô, permitem que haja uma ligação. Sugerir essa possibilidade e o presidente da Câmara disse que ia estudar. Vou estar atento.

Todas estas obras de maior vulto estão dependentes da Câmara Municipal...

Exatamente, a Junta de Freguesia não tem capacidade. O orçamento que temos é muito pequeno. Mas a recetividade da Autarquia para apoiar-nos tem sido muito boa, sempre que preciso de apoio, têm sido rápidos a responder. Estou satisfeito, apesar de dizerem-me sempre que tenho de ter atenção porque são 31 freguesias. Entendo, mas o que lhes digo é: 'a minha campanha para o próximo mandato começou a 26 de setembro de 2021 e depende de vós'. O que puder fazer, faço. Eles têm de fazer a parte deles e espero que a façam.

Espera continuar a ser o presidente da Junta de Freguesia de Fornos no próximo mandato.

É 'ponto assente'. Serei candidato para os próximos quatro anos, não faz sentido só ser presidente durante quatro anos. Algumas obras poderão não estar concluídas e quero sair quando as tiver feito.

Qual a situação atual em termos desportivos? O que tem sido executado e o que espera alcançar até ao final do mandato?

Fornos, a nível desportivo, não tem nada. Já tivemos um grupo de atletismo e um clube de futebol, mas terminaram. O campo de futebol está numa situação de abandono e como não há uma equipa de futebol, não será a Junta de Freguesia a tomar conta. Sem um clube na terra, não conseguimos promover o desporto. Caso haja um clube a lutar para isso, estaremos cá para apoiar. Assim, sinto-me impotente. Ao redor, há vários clubes com campos relvados e os miúdos preferem ir para lá.

